

O MISTÉRIO DA PASTELARIA BEIRA TEJO

[...] não considero a nossa memória um elemento que, ao sabor do acaso, se limita a reter isto e a perder aquilo, mas uma força consciente, que ordena e elimina com sabedoria. [...] Só o que quero preservar tem o direito de ser preservado para outrem.

STEFAN ZWEIG, *O Mundo de Ontem**

O meu pai leva-me à estação.

Vou passar o fim-de-semana a Lisboa e vou esmagado com avisos e recomendações, levando no bolso um pouco de dinheiro. Além do preço do bilhete do eléctrico 28, sei que não irei gastar um tostão. Tenho catorze anos e o tempo que passo com o Ferrer é um tempo de liberdade. O Ferrer mora com a mulher, a Georgina, e a velha sogra num pequeno apartamento de águas-furtadas, no último andar de um prédio em Campo de Ourique. Este bairro é como uma aldeia isolada na grande cidade. O Ferrer conhece aqui toda a gente. Estando com ele, eu faço parte do cenário, é como se ali tivesse morado sempre. Quando lá chego, fico sentado, muito bem-comportado, ao pé da Georgina e da mãe dela. Fazem-me perguntas sobre as minhas notas na escola, sobre a vida lá em casa, perguntam-me pelos meus pais, enquanto aguardam a chegada do Ferrer, que vai regressar da Baixa, onde

* Stefan Zweig, *O Mundo de Ontem*, trad. Ana Falcão Bastos, Lisboa, Relógio D'Água, 2023. (N.T.)

trabalha numa companhia de seguros. Não sei exactamente o que lá faz, é um banal emprego de escrevente. Raramente fala disso, nunca dá mostras do mais pequeno interesse pelo trabalho.

O Ferrer gosta de fatos bonitos e gravatas coloridas. Anda impecavelmente vestido e tem um fraquinho por perfumes. A minha mãe, antiga colega e amiga da mulher dele, irrita-se com essa afectação, que encara como pedantismo. Em contrapartida, o meu pai acha-o engraçado. Suspeito que inveja o seu lado folgazão e janota. Coisas de adultos. Para mim, o Ferrer é a liberdade, ponto final. Mal chego a Campo de Ourique, sinto-me logo diferente, tranquilo, à vontade na cidade. Respiro. Acabam-se as obrigações lá de casa, as repreensões do pai, as suas manias, as suas angústias e medos, as suas obsessões com a ordem e a limpeza. No sábado de manhã, quando ainda estou deitado no sofá da saleta, o Ferrer vai lá abaixo engraxar os seus belos sapatos pretos. Depois volta a subir, vem-me buscar e vamos tomar o pequeno-almoço à Pastelaria Beira Tejo, defronte do apartamento. Enquanto isso, a mulher e a sogra preparam as refeições do fim-de-semana. Come-se sempre bem em casa do Ferrer.

Com ele, faço o que quero; tudo parece fácil, nada é um problema. Vivo num doce sossego. O Ferrer tem sempre para comigo uma atitude de franca camaradagem que me tranquiliza. Somos iguais, eu, o miúdo, e ele, o adulto. Estamos em finais dos anos cinquenta. Sei que a vida das pessoas não é fácil nem alegre. Sinto o peso de uma situação de que não sei analisar todas as causas. O Ferrer, por seu lado, leva a vida nas calmas. Mas a vida dele tem a rodeá-la um silêncio que me perturba. Conhece toda a gente, mas ninguém se aproxima dele. Não tem amigos no bairro. Com excepção do dono e do empregado da Pastelaria Beira Tejo, que mostram ter para com ele uma deferência melosa. Em casa, durante as refeições, quase não se fala. Há uma distância. Como se a mulher e a sogra soubessem qualquer coisa que

ignoro, mas que, mesmo assim, eu sinto. Quando entramos na Pastelaria, tenho a sensação de que o silêncio se torna espesso à nossa volta. Mas isso que me importa? Não passam de pequenos nada que me confundem sem nunca apagarem a felicidade destes dias de vida em liberdade. E depois, no fim de contas, habituei-me ao silêncio. São anos silenciosos. Um silêncio retraído, omnipresente, que nos envolve como um nevoeiro.

Mas o ano de 1961 começa de uma forma não habitual. Sobrevêm acontecimentos que ameaçam romper o equilíbrio do universo em que vivo. Os jornais e a rádio falam da incompreensão das outras nações a respeito do nosso país; as Nações Unidas votam pela independência do «Ulamar» português. Será inveja ou querem-nos mal? O meu pai inclina-se para esta última interpretação. Um estranho sentimento de solidão junta-se ao silêncio e à tristeza da vida. E depois, no dia 21 de Janeiro, tudo se acelera. Nesse dia, na Venezuela, país de que eu só vagamente tinha ouvido falar porque o irmão do nosso merceiro tinha emigrado para lá, um grupo de opositores a Salazar apoderou-se, no mar, do paquete *Santa Maria* com um milhar de pessoas a bordo. O caso durou duas semanas, até à intervenção da Marinha norte-americana, que conduziu o comando e o seu chefe, Henrique Galvão, para o Brasil, onde este se refugiou. Por meias-palavras, a imprensa menciona que o comando clama querer «libertar Angola»... Não compreendo bem, mas sinto simpatia por aqueles homens, que assimilo aos heróis de Walter Scott e de Stevenson. E mal esta história acaba, eclode, em Março, uma revolta do povo no Norte de Angola; os jornais estão cheios de fotografias terríveis, de corpos desmembrados, retalhados. Começa uma guerra. Salazar afirma na rádio, solenemente, que «o Império é a Nação» e, em casa, o meu pai fica com um ar preocupado. Fiz há pouco dezasseis anos e começo a compreender que estamos a entrar num

novo período cujos contornos mal apreendo. É o fim da despreocupação dos devaneios e do sossego da minha infância.

É Carnaval, e o Ferrer e a Georgina decidem fazer uma festa. Convidado, instalo-me em casa deles por quatro ou cinco dias. À noite, uma pequena multidão acotovela-se no apartamento. Na sua maior parte são conhecidos da Georgina. Come-se e bebe-se, há música. A noite vai já avançada quando o telefone toca. O Ferrer tem um em casa, luxo bastante raro. Pedem a sua presença. Os olhares tornam-se graves, as vozes apagam-se, baixando de tom. Alguém desliga o gramofone. De rosto inquieto, o Ferrer troca umas palavras em privado com a Georgina, veste o casaco e sai. O mal-estar apodera-se dos convidados, ao mesmo tempo que a Georgina se despede rapidamente dos até então alegres convivas, ainda mascarados e disfarçados. Ouço de passagem o que alguém diz: o sobrinho dele terá sido preso! Sei em que género de regime político vivemos. Já vi o suficiente para saber que o facto de uma pessoa ser presa é sinónimo de actividade política. Já me cruzei com o sobrinho do Ferrer uma ou duas vezes ali em casa. Um rapaz inteligente e brilhante, silencioso e distante, mais velho do que eu e estudante na universidade. É evidente que ele não é um ladrão profissional nem um pilha-galinhas. Portanto, tem de ser política! Mal instalado no sofá-cama da sala, tento desvendar o caso, mas não consigo. Na minha cabeça os pensamentos empurram-se uns aos outros. O Ferrer voltou para casa de madrugada, com ar exausto, e foi-se deitar. Quando se levantou, continuou sem dizer nada, e eu vou-me embora sem me atrever a falar com ele. Segundo o meu pai, a quem conto o sucedido, não há dúvida: o sobrinho do Ferrer é «comunista». Afirma-o encarando a minha mãe com um ar inquieto que me perturba. Era como se eu me tivesse aproximado de alguém que houvesse contraído uma doença contagiosa.

O ano de 1961 acabou como tinha começado, com o inesperado. Na manhã de Ano Novo, ficamos a saber pela rádio

que durante a noite um outro grupo de opositores ao regime atacou um quartel militar em Beja. Houve mortos e presos em grande número. O Governo diz que «controla a situação». Está tudo bem. Mas, caramba! Beja não é Angola, e ainda menos a Venezuela. É aqui ao lado, mesmo antes do mar e da minha ilha da Abóbora. Decididamente, confirma-se o fim do sossego da minha infância. O meu pai está com um ar austero, não diz uma palavra.

*

O tempo passa, um ano, dois anos, e os fins-de-semana em Campo de Ourique vão-se tornando raros. Encontrei noutras paragens os meus espaços de liberdade. Tenho os meus amigos e os meus próprios centros de interesse. O sobrinho do Ferrer já foi libertado há muito tempo e os comunistas é como se estivessem omnipresentes, apesar da sua invisibilidade. Desde que o seu dirigente Álvaro Cunhal e alguns dos seus camaradas se conseguiram evadir do forte de Peniche, em 1960, eles parecem estar a ganhar terreno. Representam o perigo. Que perigo? Eu não tenho medo. Verdade ou mentira, todos estes acontecimentos agitam o meu espírito aventureiro.

Uma noite, ao jantar, quando estou prestes a ir ter com os meus amigos ao café da estação, ouço a minha mãe exclamar diante do televisor:

— Depressa, despachem-se, venham ver! Olhem, olhem!

A célula familiar aglutina-se diante do ecrã, a minha mãe, o meu pai, eu e a minha irmãzita. É a hora do telejornal e está a ser transmitida uma das cerimónias patrióticas que se vêem em silêncio, de dentes cerrados. Será a inauguração dum tribunal, duma prisão ou duma escola? Já não sei... O que nunca mais esquecerei é a cabeça do Ferrer. Está ali, ao lado do velho ditador, um pouco atrás, com um ar sério, solene, o olhar de atalaia. Como um chui, um guarda-costas, um membro da

guarda mais próxima. É isso que ele é, na verdade! O amigo Ferrer é um agente secreto do regime fascista, um supletivo da polícia política. Sinto um choque, um murro no estômago, sinto-me mal.

Em voz baixa e com uma raiva reprimida, o meu pai diz:

— Bem me queria parecer que havia aqui qualquer coisa suspeita! Pois era, havia qualquer coisa!

E a minha mãe acrescenta, com nojo:

— Que imbecil!

Subo para o quarto e estendo-me na cama. Apago a luz e ali fico, imóvel. Muito tempo. Preciso de voltar a pôr ordem na cabeça. Passo em revista o filme dos anos da minha adolescência. O Ferrer, os momentos de liberdade, o sobrinho, o seu distanciamento tranquilo, mas sobretudo os silêncios, o silêncio dos clientes da Pastelaria Beira Tejo, os olhares na rua. Agora tudo faz sentido. Um sentido que eu bem poderia ter dispensado. Quantas pessoas terá ele denunciado, mandado prender? Que terá ele feito pelo sobrinho? Em meados dos anos sessenta, o horror da guerra colonial já não podia continuar a ser escondido pelo regime, a atmosfera policial era mais pesada. No dia-a-dia, por todo o lado, temia-se a presença dos informadores e da polícia política. O Ferrer era um entre muitos. Tinha-o tomado por um amigo, por um apoio à minha liberdade. Até mesmo a imagem da liberdade podia ocultar o inimigo. É como uma traição, sinto-me ferido, revoltado. Tomei a sua arrogância policial por tranquilidade, e a sua incitação ao florescimento da minha autonomia não passava de uma manifestação do domínio que exercia sobre mim. A sua própria vida era a negação dos valores que eu prezava. Sozinho comigo mesmo, tomo uma daquelas decisões que me irão proteger, que me irão construir: nunca mais voltaria a vê-lo. Sei que o posso fazer, que o vou fazer. Para mim, ele morreu. A raiva e a tristeza dão-me forças. Choro. A mim mesmo prometo que não me hão-de possuir.